



Um olhar para a escrita na educação a distância a partir da atividade intitulada “a função social da escola e a participação social”

Wallace Alves Cabral¹, Graziela Piccoli Richetti², Nielsen de Moura^{3*}, Cristhiane Carneiro Cunha Flôr⁴

¹Professor da Universidade Federal de São João Del-Rei, Departamento de Ciências Naturais, São João Del-Rei, MG/Brasil, ²Professora Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Ciências Exatas e Educação, Blumenau, Santa Catarina/Brasil, ³Professor da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, Escola Estadual Antônio Macêdo, Minas Gerais/Brasil, ⁴Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora, Departamento de Educação, Juiz de Fora, Minas Gerais/Brasil, *nielsenmoura@yahoo.com.br

Recebido em: 30/03/2019 Aceito em: 15/04/2019 Publicado em: 31/05/2019

RESUMO

A Educação a Distância (EaD) vem assumindo um papel importante na proposição de políticas públicas educacionais. Essa modalidade de ensino proporciona a cada indivíduo autonomia para gerir seu tempo em relação à educação e encontra-se no seio de grandes reflexões e pesquisas. Para o presente estudo discutem-se pontos relativos à escrita na EaD diante de uma atividade proposta para licenciandos em Química do curso a distância da UFJF a partir do gênero textual carta. Apoiando-se no referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso de Linha Francesa (AD) observa-se em relação à escrita dos discentes, sobretudo no ato de criar um texto e se identificar como autor, que tal instância pode ser observada em trechos em que a criatividade é utilizada para expor um conceito ou observação sem ter que lançar mão do repetitivo ou da cópia, com uma abordagem de escrita diferenciada, para a reflexão sobre o que é proposto.

Palavras-chave: Formação de professores. Escrita. EaD.

A look at writing in distance learning from the activity entitled "the social function of school and social participation"

ABSTRACT

Distance Learning (EaD) has been taking over an important role in proposing educational public policies. This modality of education provides each individual with the autonomy to manage their time in relation to education and finds himself in the matrix of great reflections and research. For the present study we discuss points related to writing in EaD before a proposed activity for chemistry graduates of the distance course of the UFJF from the letter genre. Based on the theoretical-methodological framework of the French Line Discourse Analysis (AD), it is observed in relation to the writing of the students, especially in the act of creating a text and identifying itself as an author, that such an instance can be observed in that creativity is used to expose a concept or observation without having to use repetitive or copy, with a differentiated writing approach, to reflect on what is proposed.

Keywords: Teacher formation. Writing. EaD.

INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EaD) nos dias atuais desenvolve um papel de suma importância na proposição de políticas públicas educacionais, trazendo esta modalidade de ensino para o foco intenso de reflexões e pesquisas. Cabe assinalar que grande parte da população inserida no “mundo da informação”, proporcionado principalmente pelo acesso à internet e aos demais meios de comunicação, procura cada vez mais autonomia para gerir seu tempo em relação à educação. Assim, a EaD vem se estabelecendo como uma possibilidade para novos caminhos. Moran (2009) e Belloni (2002) chamam a atenção para o aspecto qualitativo da EaD, pois esta não deve atender apenas a interesses econômicos estabelecidos por dados quantitativos referentes ao montante de estudantes matriculados, por exemplo. Os projetos de EaD precisam se ancorar nos princípios teórico-metodológicos da educação em consonância com as novas exigências do mundo atual e se apartar do modelo de ensino massificado e estandardizado (MARTINS, 2008).

Valente (2003) ressalta que diante do número de brasileiros a ser educados e das dimensões territoriais do Brasil, a EaD aparece como uma solução para tal desafio. Contudo, o autor tece críticas em relação a esta modalidade de ensino, pois, em sua grande maioria, observa-se uma transposição do modelo de ensino tradicional, “[...] viabilizada, porém, por meio de recursos tecnológicos digitais. A discussão ainda está centrada em meios de comunicação e existência de material de apoio. Muito pouco tem sido falado sobre as questões pedagógicas” (VALENTE, 2003, p. 139). Desta forma, o autor supracitado, diante dessas ponderações, atenta para a construção do conhecimento e não para a transmissão de informações na EaD. Assim, o autor entende que há uma grande diferença entre informação e conhecimento. A informação parte da organização de dados que podem ser transmitidos sem se preocupar com o significado enquanto que

[...] o conhecimento é o que cada indivíduo constrói como produto do processamento, da interpretação, da compreensão da informação. É algo construído por cada um, muito próprio e impossível de ser passado para o outro – o que é passado é a informação que advém desse conhecimento, porém nunca o conhecimento em si (VALENTE, 2003, p. 140).

O autor entende que, na EaD, o modelo de transmissão de informações baseado no ensino tradicional é valorizado em detrimento do modelo que favoreça a construção do conhecimento. Para Valente (2003), nesta modalidade educacional,

[...] a intervenção do educador fica ainda mais importante, pois a interação é intermediada por uma tecnologia e não existem os gestos, o olho-no-olho, os elementos usados em situações presenciais que o aprendiz pode usar para compensar certas deficiências de comunicação. Na EAD a qualidade da interação professor-aluno e entre alunos é fundamental e determina qual abordagem pedagógica está sendo utilizada (VALENTE, 2003, p. 140).

Belloni (2005) tece argumentos direcionados à EaD no que tange à educação aberta e relembra que a primeira se diferencia da modalidade presencial, pois trata do conceito de dimensão espacial, pautada na distância física entre estudante e professor, intermediada pela tecnologia, exigindo inovações organizacionais, didáticas e pedagógicas. A educação aberta ou aprendizagem aberta atua a fim de promover um processo mais flexível e autônomo de educação, permitindo diversidade de acesso aos estudantes e favorecendo novas modalidades de ensino. Desse modo, a aprendizagem aberta “[...] requer um processo de ensino centrado no ‘aprendente’, considerado um ser autônomo, gestor de seu processo de aprendizagem” (BELLONI, 2005, p. 190).

Belloni (2005, p. 193) ainda conclui lembrando que educação e tecnologia sempre estiveram lado a lado e que, diante das ferramentas pedagógicas, “[...] as técnicas devem ser consideradas como meios e não como conteúdos de educação e, por consequência, que a informática e as TIC não são disciplinas”. Trata-se de partes integradoras das metodologias de ensino. A autora conclui que as inovações tecnológicas podem ter um fim em si mesmas se tratadas com deslumbramento, pois podem ser percebidas como uma opção milagrosa para as dificuldades educacionais quando confundidas com as inovações pedagógicas.

Na EaD geralmente a interação entre as pessoas ocorre de forma bastante diferente da educação presencial, pois não se tem a possibilidade de ver a expressão corporal, os olhares, os gestos entre colegas e professores, restando às imagens e palavras a responsabilidade de mediar esse intercâmbio. Assim, no geral, a interação nos fóruns de discussão e os diálogos nos *chats* são possibilitados e levados a cabo por meio da linguagem escrita (SOUZA; SOUSA, 2007).

É importante ressaltar que, sob este contexto de explanações, a escrita é percebida não apenas como uma organização de símbolos através da grafia, mas como ferramenta interpretativa de mundo, considerando a linguagem como “[...] instrumento de comunicação e expressão, meio de ampliar contatos, de se fazer presente no mundo ou compreendê-lo, enfim, a possibilidade de estabelecer outros canais de interlocução, inserindo-se ativa e criticamente em práticas da sociedade letrada” (COLLELO, 2012, p. 50)

Para Travaglia (1997, p. 23) os “[...] usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e ‘falam’ e ‘ouvem’ desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais”. Essa percepção da linguagem também se constitui para a Educação a Distância (EaD), pois esta modalidade de ensino proporciona a integração de estudantes com diversos e diferentes contextos histórico-sociais, políticos e econômicos.

No âmbito da EaD, Rigo e Vitória (2014) trazem considerações a respeito da mediação pedagógica no contexto dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) por intermédio da leitura e da escrita em um curso oferecido para professores do Ensino Fundamental. As pesquisadoras, baseadas nas teorias de Vygotsky e Feuerstein, destacam que para todo processo de ensino e aprendizagem a mediação é ato fundamental sendo capaz de criar condições para a construção de significados diante de aspectos culturais de cada indivíduo. Assim, no âmbito escolar e em seu cotidiano as interações, através da mediação pedagógica, devem ser estimuladas e planejadas por um mediador.

Para Freire et al., (2007)

[...] ler e escrever nesses espaços virtuais requer uma compreensão/interpretação dos suportes textuais que permitem o uso da linguagem. Pode-se escrever mensagens em Fóruns, escrever e responder mensagens do Correio eletrônico, participar de sessões de Bate-papo, fazer comentários a respeito dos trabalhos dos colegas nos Portfólios, divulgar uma notícia no Mural, apresentar-se aos demais participantes do curso no Perfil, fazer anotações pessoais no Diário de Bordo. A diversidade de textos, de escreventes e de leitores constitui um diferencial importante no processo de formação dos professores na área de Alfabetização e Linguagem (FREIRE et al., 2007, p. 109).

Assim como Freire et al. (2007), Cabral et al., (2013) refletem sobre a linguagem escrita e entendem a necessidade de se trabalhar as diferentes formas de escrita na formação de professores de química, “[...] não uma escrita destinada à repetição do já dito ou à utilização correta dos códigos, porém uma escrita que permita a superação das dualidades rumo a um aprendizado mais crítico e criativo” (p. 8). Trabalhar com diversas formas de escrita e de leitura na formação inicial e continuada de professores podem trazer reflexões pertinentes no que diz respeito aos atuais papéis desempenhados por estes profissionais, no âmbito das linguagens, para a Educação Básica. Outros sim, propor atividades que extrapolem a aplicação de fórmulas e a resolução de problemas por intermédio da escrita, no caso de licenciandos em Química, pode proporcionar o

pensar sobre a escrita pelos discentes como sujeitos autorais, ou seja, que se identifiquem como participantes na produção de sua escrita e não como simples reprodutores de conceitos previamente estabelecidos. Esta prática, na formação inicial, pode proporcionar que esses futuros professores, em sua atuação profissional, também estimulem atividades de escrita em suas salas de aula.

O sistema UAB, como política pública, vem sendo tratado como uma solução à carência de professores da Educação Básica. No entanto, a formação de professores não deve ser tratada apenas pelo parâmetro quantitativo relacionado ao aumento do número de vagas nas licenciaturas à distância. No que diz respeito ao projeto pedagógico, Araújo e Vianna (2011, p. 10) chamam a atenção para a liberdade que as Instituições de Ensino Superior (IES) possuem “[...] para organizarem seus cursos. Contudo, isso não contribuiu para a elaboração desses projetos, pois os cursos a distância estão adaptando, de forma inapropriada e anacrônica, características dos cursos presenciais”.

Nesse aspecto, pensar a EaD e a qualidade desse modelo não só para a formação na educação em Ciências é compreender a

[...] preocupação em promover uma formação em que o professor atue não como receptor e transmissor de informações, mas como elemento construtor do seu próprio conhecimento e mediador no processo de construção do conhecimento de seus alunos. Para isso, a maioria dos autores pesquisados defende que o professor seja capaz de refletir na sua prática e sobre ela de modo a promover sua conscientização.

Admitindo-se o aprendizado como dependente do estabelecimento de relações interpessoais, percebe-se uma ênfase nas possibilidades de uso de ferramentas da *internet* para favorecer as interações entre os alunos, professores e tutores, priorizando o trabalho colaborativo (SILVA; REGO, 2007, p. 10, grifo no original).

Considerando que as atividades e práticas de escrita ultrapassam a resolução de problemas numéricos e a produção de relatórios técnicos, procuramos trabalhar a escrita em um formato mais livre, que se afaste das produções textuais “engessadas”, comuns nos cursos na área das Ciências Exatas, permitindo (re)pensar o ambiente escolar a partir de uma produção textual do gênero carta. A partir da atividade desenvolvida na disciplina de Organização do Currículo buscamos compreender os movimentos de escrita dos estudantes de licenciatura em Química da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Modalidade a Distância – e a influência destes para a formação docente.

MATERIAL E MÉTODOS

Aproveitando o fato de que os autores desta pesquisa trabalham no campo da EaD foram propostas várias atividades de escrita no primeiro semestre letivo de 2015 na disciplina de Organização do Currículo para os estudantes do curso de licenciatura em Química a Distância da Universidade Federal de Juiz de Fora conforme pode ser observado no Quadro 01:

Quadro 1 - Atividades desenvolvidas

Disciplina	Atividades propostas
Organização do Currículo	Produção textual a partir de produção audiovisual
	Produção textual a partir de artigos-base
	Produção textual do gênero carta a partir de artigos-base
	Produção textual coletiva a partir da ferramenta <i>wiki</i>
	Produção textual em fórum de discussão

Para este trabalho focar-se-á em uma única atividade intitulada “Função social da escola e participação social” com o intuito de adequar-se ao espaço disponível para o evento em questão. A seguir, apresentamos o Quadro 02 como tal atividade foi solicitada no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Quadro 2 - Atividade desenvolvida

ATIVIDADE – FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Car@ estudante!

O texto de Juarez Dayrel intitulado “A escola como espaço sociocultural” nos convida a pensar além do ensino e da aprendizagem dos conteúdos distribuídos nas disciplinas escolares. Isso envolve as relações sociais entre os atores que compõem a escola, suas normas e regras, a compreensão da diversidade cultural, entre outros assuntos.

A partir da leitura do texto de Juarez Dayrel, produza uma carta (tamanho mínimo 1 página e tamanho máximo 2 páginas) endereçada aos jovens estudantes do Ensino Médio explicando o que significa dizer que “a escola é um espaço sociocultural”. Ao longo do texto, são apresentados diversos exemplos que ressignificam os espaços “tradicionais” da escola, tornando-os espaços socioculturais. Salientamos a necessidade de o texto produzido por você apresentar relações diretas com o texto-base para leitura.

Nessa carta, você deve destacar a importância dos papéis desempenhados pelos professores e alunos bem como a importância do currículo escolar para que a escola deixe de ser “uma ilha cercada por muros de concreto por todos os lados” e se torne um espaço sociocultural.

OS GENÊROS TEXTUAIS E A CARTA

Segundo Cereja e Magalhães (2005), quando interagimos com outras pessoas por meio da linguagem, seja oral ou escrita, produzimos certos tipos de texto que, com poucas variações, se repetem no conteúdo, no tipo de linguagem e na estrutura.

A carta é um gênero textual que geralmente apresenta uma estrutura padrão: local, data, nome do destinatário, texto e assinatura do remetente. A linguagem utilizada na carta é informal.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Texto e Interação**: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual, 2005.

Abraços!!!

Diante do referencial teórico-metodológico da AD torna-se importante delimitar as condições de produção que envolvem as falas dos estudantes que, por sua vez, proporcionam uma perspectiva para se olhar o *corpus* de análise. Para Orlandi (2013, p. 63), “[...] a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas”.

As condições de produção, segundo Orlandi (2013), estão fundamentadas na relação sujeito-situação. Assim, tem-se o sujeito, suas relações com a EaD e a escrita em sua vida interpelados pelo contexto histórico, social e ideológico que caracteriza as condições de produção.

Os sujeitos da pesquisa são seis estudantes do curso de licenciatura em Química a Distância da UFJF, que cursaram a disciplina de Organização do Currículo. De acordo com a matriz curricular do curso tal disciplina é oferecida no quinto período, o que, de certa forma, garante uma maior vivência na graduação. Entre eles apenas um já atua como docente. Dos seis estudantes dois pertencem ao polo de Juiz de Fora, dois ao polo de Sete Lagoas, um ao polo de Cataguases e um ao polo de Ilicínea, correspondentes a municípios do estado de Minas Gerais. A partir desse momento, serão chamados de Ana, Anderson, Alexandre, Lucioney, Diego e Marie Curie, totalizando dois estudantes do sexo feminino e quatro do sexo masculino. O nome que escolheram para serem conhecidos na pesquisa não são necessariamente seu nome próprio nem necessariamente um pseudônimo, uma vez que perguntamos por qual nome gostariam de ser mencionados neste estudo.

Nesta etapa de análise do material proposto para a pesquisa vale ressaltar que o *corpus* de análise extrapola a expressão que se refere à “coleta de dados”, pois esta está ligada a algo imóvel, à espera de ser desvendado, descoberto, que pressupõe uma verdade absoluta, com sentido único.

Assim, concordamos com Orlandi (2013) nos seguintes termos:

Não se objetiva, nessa forma de análise, a exaustividade que chamamos horizontal, ou seja, em extensão, nem a completude ou exaustividade em relação ao objeto empírico. Ele é inesgotável. Isto porque, por definição, todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes.

A exaustividade almejada – que chamamos vertical – deve ser considerada em relação aos objetos da análise e a sua temática. Essa exaustividade vertical, em profundidade, leva a consequências teóricas relevantes e não trata os “dados” como meras ilustrações. Trata de “fatos” da linguagem com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade linguístico-discursiva (ORLANDI, 2013, p. 62- 63).

Desse modo, ressaltamos novamente que o *corpus* de análise deste trabalho refere-se aos desdobramentos da atividade “Função social da escola e participação social”. Isso porque, no âmbito da análise, as relações entre o pesquisador e o pesquisado devem ser levadas em consideração. Na AD, o analista do discurso deve posicionar-se diante do objeto de estudo, não de um lugar neutro, pois, como mencionado por Orlandi (2013, p. 64), há sempre a “necessidade de que a teoria intervenha a todo o momento para ‘reger’ a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da atividade proposta no AVA os estudantes trabalharam com o gênero carta a partir da leitura do texto de Juarez Dayrel intitulado “A escola como espaço sociocultural”. Os licenciandos deveriam produzir uma carta endereçada aos estudantes do Ensino Médio esclarecendo o significado de dizer que “a escola é um espaço sociocultural” a partir das discussões apresentadas no texto-base refletindo sobre a questão do ensino-aprendizagem diante das relações sociais entre os atores que constituem a escola, suas regras e normas, as relações sociais, a diversidade cultural, entre outras e apresentando uma percepção para além dos conteúdos distribuídos nas disciplinas escolares:

Analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui enquanto instituição (DAYREL, 1996, p. 136).

Para o autor, o sujeito se constitui e é marcado por suas relações sociais e históricas. Tal afirmação se relaciona com a concepção de sujeito para a Análise do Discurso, na qual se constitui pela relação com a história, com o contexto social em seu entorno e com os posicionamentos ideológicos. Dayrel (1996, p. 140) discute a noção estereotipada e homogênea que é comumente atribuída ao papel de ser aluno, ou seja, sem levar em conta a pluralidade do sujeito/aluno, “[...] enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios”.

As reflexões do texto de Juarez Dayrel serviram como ponto de partida para a constituição da atividade e a escolha pelo gênero textual carta se deu pela oportunidade de proporcionar aos estudantes da licenciatura em Química o contato com uma produção de escrita não tão comum no curso. Nas relações sociais as cartas podem se diferenciar em: cartas de cobrança, cartas-convite, cartas comerciais, cartas familiares, cartas pessoais, entre outras. Assim, “[...] analisando cartas em geral, reconhece que seu corpo permite variados tipos de comunicação (pedido, agradecimento, informações, cobrança, intimação, notícias familiares, prestação de contas, propagandas e outros)” (BEZERRA, 2005, p. 220).

Em linhas gerais os estudantes se mostraram atentos à estrutura do gênero textual que define uma carta como local, data, nome do destinatário e assinatura do remetente. As cartas foram destinadas a estudantes do Ensino Médio e no início da escrita pode-se perceber uma intenção nos pronomes de tratamento utilizados para se referir aos estudantes. Cabe ressaltar que os pronomes de tratamento antecedem a pessoa ou cargo a quem se envia uma carta, caracterizando relações mais pessoais ou impessoais. Para a AD, essas marcas do discurso são verificadas pela antecipação, “[...] esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor” (ORLANDI, 2013, p. 39). Nas cartas observa-se uma antecipação de relação com os estudantes do Ensino Médio mais suave, menos formal e mais afetiva, como: “*caríssimos, caros, estimados e prezados*”.

Apesar da utilização de expressões que visam conferir certa proximidade entre remetente e destinatário nas cartas, possibilitando uma forma menos formal ao se dirigir ao outro, nota-se que, das seis cartas, três iniciaram com “*Venho por meio desta carta...*” ou “*Venho através desta carta...*”, cujas expressões são muito comuns ao se iniciar uma carta mais formal, demonstrando movimentos de escrita ora voltada para o formal, ora para o informal, em um mesmo discurso. Pensando ainda nas expressões destacadas percebe-se a questão do método na escrita. Essa forma de iniciação de cartas remete à repetição empírica uma vez que o sujeito, “[...] ao invés de se fazer um lugar para fazer sentido, ele é pego pelos lugares (dizeres) já estabelecidos, num imaginário que sua memória não reverbera. Estaciona. Só repete” (ORLANDI, 2013, p. 54).

Então, “*Venho por meio desta carta...*” ou “*Venho através desta carta...*” se configura como uma repetição empírica, caracterizada por uma estrutura definida para a construção de um texto do gênero carta. Dessa forma, a memória discursiva traz o

indício de como se deu, ao longo da história do sujeito, a relação com movimentos de autoria no que tange à produção textual carta.

Os sujeitos da pesquisa, ao se dirigirem aos estudantes do Ensino Médio, utilizaram algumas estratégias para introduzir o tema:

Alexandre: [...] tentar demonstrar para vocês que a escola é um espaço sociocultural. E para que compreendam de forma mais harmoniosa posso citar que na Constituição da República Federativa do Brasil, divulgada em 05/10/1988 em seu artigo 205 [...].

Anderson: [...] é mostrar a vocês como podemos aproveitar melhor o espaço que temos em nossa escola, de tal maneira que estes espaços possam propiciar a vocês não somente o conhecimento curricular, mas também um espaço de interação, de inclusão [...].

Diego: [...] espera-se que vocês adquiram uma nova visão, sobre todo o ambiente escolar que os acolhe diariamente, de modo que a vida escolar de vocês possa ser mais proveitosa, e que também, a escola se torne mais próxima da realidade de cada um [...].

Lucioney: Para melhor compreensão, é importante citar que a Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 05/10/1988, em seu artigo 205 [...].

Ana: [...] ingressar em um espaço de aprendizagem coletivo de convivência rotineira destinado a construção de conhecimento e socialização dos alunos, com trocas de experiências e marcado pela diversidade cultural e social.

Marie Curie: E é nesse espaço que há o seu convívio sociocultural. Bom, o que para vocês significa a palavra sociocultural? Vamos examinar bem essa palavra.

Os estudantes utilizam argumentos baseados no que foram solicitados a criar na atividade e remetem seus discursos ao texto de Juarez Dayrel aproximando-se do conceito de intertextualidade pelo qual um texto nasce em outros textos e também aponta para outros tantos. Assim, Orlandi (1996) nos diz:

Segundo essa noção, sabemos que um texto tem relação com outros textos nos quais ele nasce (sua matéria-prima) e / ou outros para os quais ele aponta (seu futuro discursivo). [...] Levar em conta a intertextualidade, na leitura, é refletir (e tornar operacional) sobre o fato de que o(s) sentido(s) de um texto passa(m) pela sua relação com outros textos (ORLANDI, 1996, p. 194).

Tanto **Alexandre** quanto **Lucioney** apontam para o texto da Constituição da República Federativa do Brasil para introduzir seus discursos. Este documento não é mencionado no texto-base que os estudantes leram, o que demonstra a operacionalização do conceito de intertextualidade na busca de novos textos que fundamentem sua escrita. Outro fato importante que pode ter ajudado os dois estudantes a procurarem um novo texto e, ao mesmo tempo, fazer referência em suas cartas se deve ao fato de que eles pertencem ao mesmo polo de apoio presencial, onde a proximidade ou amizade entre eles pode ter favorecido a discussão da atividade e proporcionado uma

direção na busca de novas leituras. Neste contexto, a proximidade e a afeição, tanto entre estudantes quanto entre professores/tutores e estudantes, proporcionam um ambiente de confiança, intensificando as relações pessoais. Valente (2003) e Rigo e Vitória (2014) concordam que essas características contribuem como incentivo às práticas pedagógicas entre os participantes envolvidos.

Mesmo solicitando aos estudantes que realizassem uma produção textual no gênero carta, pode-se compreender no trecho a seguir características de outro gênero textual:

Diego: [...] podemos considerar a visão de Dayrel, onde a Escola como espaço sociocultural significa compreendê-la na ótica da cultura, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, alunos e professores, enfim, seres humanos concretos; nesse sentido, referir-se à Escola como espaço sociocultural implica em resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui enquanto instituição.

Diego, ao se referir à “visão de Dayrel”, antecipa seu posterior discurso ao conceito de espaço sociocultural amparado na discussão do autor. No entanto, mesmo que não tenha realizado uma citação nos padrões da ABNT, o estudante se utiliza das palavras do autor para introduzir um assunto. Neste ponto ocorre um “deslocamento” do gênero carta para o gênero textual predominante em artigos acadêmicos e que também caracteriza textos que são trabalhados com frequência na graduação de licenciandos em Química.

A reflexão sobre a escrita que proporcione o deslocamento de movimentos de escrita que valorizem a repetição de conceitos ou produções de relatórios técnicos para se pensar em uma escrita mais crítica, criativa e reflexiva é alvo dos trabalhos de Cabral et al., (2013). Assim, **Alexandre** relata que a produção textual proporcionou uma escrita amparada no ato de criar, o que pode ser percebido não apenas no trecho da carta de **Alexandre**, mas também na de **Lucioney**:

Alexandre: A escola tem que ser como um time de futebol, onde é a união de vários talentos que fazem com que o time se sobressaia diante de seus adversários, e esse time deve ser o vencedor no processo de ensino-aprendizagem. O campo de futebol pode ser comparado com a escola que é o ambiente físico para o espetáculo, a tabela de classificação é o currículo, e os jogadores são o time da escola e alunos, os pais tem a responsabilidade de torcer e apoiar o time em busca do resultado. E é essa diversidade que podemos chamar de espaço sócio cultural, onde essa convivência mútua entre indivíduos diferentes e com diferentes funções tem oportunidade para

trocar ideias e manter uma relação amigável e de enriquecimento cultural e social.

Lucioney: *Comparo a escola como um grande filme ganhador de todos os “oscar” possíveis com excelentes atores que na escola os são os alunos e professores na trama que envolve o processo ensino-aprendizagem. Nesse cenário que chamo de escola e a história que chamo de currículo, seus atores principais representam a história de forma a demonstrar que a escola é um espaço sociocultural onde as experiências vivenciadas, as diversidades culturais e o currículo permitem fazer da escola um espaço de encontro entre iguais, possibilitando a convivência com a diferença, havendo oportunidades para trocar ideias e sentimentos.*

Os trechos destacados desenvolvem a escrita de forma mais livre e criativa sem deixar de proporcionar a característica principal de informar sobre o tema da escola como espaço sociocultural. Como a carta era direcionada a estudantes do Ensino Médio, **Alexandre** e **Lucioney** utilizaram de assuntos que são comuns ao cotidiano desses alunos, como futebol e filmes ou séries, para contextualizar o seu discurso e antecipar a mensagem que pretendiam passar para um determinado público. Esse cuidado com o discurso pode refletir na futura atuação docente, como destacam Freitas *et al.* (2009, p. 10) em relação ao potencial da escrita como produtora de si mesmo e do desenvolvimento do ser humano, no sentido de compreender que “[...] a linguagem de cada aluno é, pois, um desafio a cada professor. Não só perguntar sobre a linguagem, mas exercitar em aula a capacidade de todos, inclusive a sua, de se expressar através do diálogo oral e escrito”.

No final das cartas dos estudantes nota-se uma intencionalidade no discurso dos sujeitos da pesquisa em relação ao papel do estudante do Ensino Médio:

Alexandre: *[...] por isso mostrem esforço e vontade para que possam crescer como estudantes e como indivíduos contribuintes da cultura social de sua região.*

Anderson: *[...] espero que vocês estudantes passem a ver os vários espaços que a escola lhes propicia de forma a se inteirarem mais uns com os outros indivíduos que constituem este espaço para se tornarem cidadãos mais participativos e não apenas alunos comuns.*

Diego: *Esperamos que esta carta desperteem vocês a vontade de mudar e de repensar o ensino, de tal modo que vocês possam ter total participação no próprio aprendizado...*

Lucioney: *Espero que realmente consiga entender sua importância enquanto aluno e desenvolva um papel da melhor forma possível para que sua escola se torne o melhor espaço sociocultural de sua região.*

Ana: *Por fim, resalto que vocês, alunos, contribuam para não deixar a escola se tornar um ambiente opressor de homogeneização o diálogo com os educadores se faz necessário para a criação de uma escola inovadora e reflexiva sobre as questões fundamentais do nosso cotidiano político e social.*

Marie Curie: *[...] ampliem o que é necessário para uma sociedade não passiva, mas sim questionadora e excitadora do pensamento cultural e social da escola e do mundo em que vivem.*

No entanto, essa relação não remete apenas à intertextualidade com o texto-base. No discurso dos estudantes, faz valer também a noção de memória discursiva:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. [...] O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2013, p. 31).

Ou seja, os enaltecimentos do contexto de ser estudante, suas obrigações, seus deveres e sua conduta dependem da seriedade com que estabelecem relações com a escola. É nesse sentido que a memória é ativada, pois, ao longo de sua história e de suas relações com a escolarização, esse discurso de responsabilidade também se fez presente em sua vida. Tais sujeitos, como futuros professores, materializam a função docente em suas escritas. Tal cobrança, diante das responsabilidades da graduação, é polarizada ao dirigirem seus discursos para os estudantes do Ensino Médio e se colocarem na posição de professores, no sentido de alertarem para a seriedade com que o ato de “ser estudante” deve ser encarado. Trata-se, de certa forma, de influências do curso em seus movimentos de escrita.

CONCLUSÃO

A atividade intitulada “A função social da escola e a participação social” realizada no âmbito da disciplina de Organização do Currículo trabalhada através do gênero textual carta proporcionou a compreensão de características do discurso dos estudantes, sobretudo no que diz respeito à sua interação com o texto de apoio e sua relação com esta produção textual incomum no curso de Química EaD. Conclui-se que os estudantes mostraram compreender as características estruturais do gênero carta. O conceito de intertextualidade para AD se fez presente na escrita, no qual o discurso se relacionou com o texto-base, mas também apontou para outros textos atravessados por memórias discursivas. Assim, o ato de criar um texto e se identificar como autor pode ser observado em trechos em que a criatividade foi utilizada para expor um conceito ou observação sem ter que lançar mão do repetitivo ou da cópia através de uma abordagem escrita diferenciada para a reflexão sobre o que foi proposto.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, R. S.; VIANNA, D. M. A formação de professores de física nas políticas públicas educacionais: a modalidade a distância. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 8., 2011, Campinas. **Atas eletrônicas...** Campinas: Unicamp, 2011.
- BELLONI, M. L. Educação a distância e inovação tecnológica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 3, n. 1, p. 187-198, 2005.
- BELLONI, M. L. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. **Educação & sociedade**, v. 23, n. 78, p. 117-142, 2002.
- BEZERRA, M. A. Por que cartas do leitor na sala de aula? In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- CABRAL, W. A.; FLÔR, C. C.; MOURA, N. Sentidos atribuídos à escrita por licenciandos em química na modalidade à distância. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindoia. **Atas eletrônicas...** Águas de Lindoia: ABRAPEC, 2013. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R0950-1.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2015.
- COLELLO, S. M. **A escola que (não) ensina a escrever**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez Tarcísio (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.
- FREIRE, F. CAVALCANTI, M.; KLEIMAN, A.; POSSENTI, S.. Leitura e escrita via internet: formação de professores nas áreas de alfabetização e linguagem. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 46, n. 1, p. 93-111, 2007.
- FREITAS, D. P. S.; COUSIN, C. S.; MEDEIROS, A. L. S.; GALIAZZ, M. C. A sala de aula virtual de educação ambiental: a escrita como produtora do si-mesmo. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., 2009, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: ABRAPEC, 2009. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/1321.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2015.
- MARTINS, O. B. Os caminhos da EAD no Brasil. **Revista Diálogo Educacional**, v. 8, n. 24, p. 357-371, 2008.
- MORAN, J. M. Aperfeiçoando os modelos de EAD existentes na formação de professores. **Educação**, v. 32, n. 3, p. 286-290, 2009.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.
- RIGO, R. M.; VITÓRIA, M. I. C. Leitura e escrita em ambientes virtuais de aprendizagem: o papel da mediação pedagógica nesse contexto. **Ead em Foco**, v. 4, n. 1, 2014.
- SILVA, A. A. da; REGO, S. C. R. A educação a distância na formação do professor de física: análise de trabalhos publicados no período de 2000-2006. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 6., 2007, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: ABRAPEC, 2007. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/vienpec/autores0.html>>. Acesso em: 19 jul. 2015.
- SOUZA, E. P. de; SOUSA, A. S. **Formação continuada de professores: afetividade na interação online**. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/5112008115055AM.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2016.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

VALENTE, J. Educação a distância no ensino superior: soluções e flexibilizações. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 17, n. 2, p. 139-143, 2003.